

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

17 a 30 de Dezembro de 2019 | Nº 196 | Ano VIII • Director: José Luís Mendonça

..... Kz 50,00

Pág.
3

ECO DE ANGOLA



José Kafala a renúncia impossível

O melhor brinde musical de José Kafala é, sem sombra de dúvida, "O Kudizola Kwetu" (o nosso amor). Pela intangibilidade das vibrações vocais, a ultrapassar os limites da estilização do som humano. Uma voz que dispensa praticamente qualquer fundo metálico ou electrónico. Uma voz que é, ao mesmo tempo, mensagem, tonalidade encantatória e a sua própria melodia orquestral em vários tons e alturas.

PANTEÃO Pág. 2



Jaime de Sousa Araújo e a preocupação com a Mulher e a Criança

ARTES Pág. 8

Ana Clara Guerra Marques
reflexão no domínio da dança cokwe



DIÁLOGO INTECULTURAL Pág. 11-12



30 anos da queda do muro de Berlim

Jaime de Sousa Araújo e a preocupação com a Mulher e a Criança

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

Jaime de Sousa Araújo, nacionalista emérito e homem de Cultura, morreu no dia 8 de Dezembro, em Portugal, aos 99 anos. O mais velho Sousa Araújo passou grande parte dos últimos anos de vida a trabalhar no seu gabinete na Liga Nacional Africana. Foi lá que o fui encontrar um dia qualquer, para uma entrevista que nunca me deu, porque a conversa com aquele humanista e nacionalista percorria as veias capilares do quotidiano angolano e se desembocava, abruptamente, nas artérias da grande política em vigor no país.

No meio das conversas, caíamos, quase invariavelmente, para o lado jocoso desta vida, e ríamos às gargalhadas. Acredito que foi esse seu espírito descontraído e o riso a ele acoplado que o levaram tão longe nos anos.

Sousa Araújo conservava uma mente lúcida, embora embaciada pelas muitas jornadas calcorreadas e uma profunda decepção pelo rumo que a Liga tinha tomada num tempo de país independente. Jaime Araújo nunca se conformou com a tomada do prédio da Liga pela LAASP (Liga Angolana de Solidariedade entre os Povos). Nunca aceitou que o prédio tivesse sido ocupado e retalhado até na sua periferia. Morreu sem conseguir que a Liga recuperasse o seu património.

Jaime de Sousa Araújo reuniu-nos, há cerca de três anos, a mim, e a alguns membros da Liga, para fabricarmos uma organização que se passaria a chamar "Fórum de Reflexão sobre a Violência Doméstica" (FOREV), uma associação cívico-cultural, e que tem como objecto central contribuir para a tomada de consciência do cidadão angolano e dos países lusófonos sobre as causas históricas e sociais desse flagelo, que é a violência doméstica, indo às raízes do problema, com vista à normalização das relações pessoais e familiares no seio da sociedade lusófona, sem distinção de raça, nem paralelo político partidário, no intuito de procurar mitigar o sofrimento que resulta da violência dentro do lar familiar.

O FOREV persegue os seguintes fins:

- Produzir estudos científicos sobre a violência doméstica que permanece nos lares de todo o planeta, qual estigma que a própria Humanidade esculpiu nas mentes e tem, como vítimas primordiais, a MULHER e a CRIANÇA.

- Criar, no seio do FOREV, fundos de emergência, pelouros de rendimento financeiro, escolas de bons costumes e de meditação para a melhoria das condições socioeconómicas e psicológicas dos menores de idade e demais sócios.

- Criar uma linha telefónica de apoio, trabalhando em conexão com as entidades competentes, denominada SOS Mulher, destinada a receber informações e denúncias de casos de violência contra a Mulher e a Criança.

- Proceder ao registo estatístico dos casos de tráfico de seres humanos e exploração sexual, com realce particular para menores, para o que solicitará o apoio das entidades competentes dos países lusófonos de que forem causa dos crimes.

- Apelar a Entidades Oficiais, Organizações e Instituições nacionais ou internacionais, auxílio económico e financeiro com vista a preencher os fins do Fórum de Reflexão.

- Estabelecer a melhor colaboração e o apoio das entidades jurídicas e de segurança nacional para obter protecção da família vulnerabilizada pela desunião do casal.

- Criar delegações em países lusófonos;
- Fomentar a Cooperação e o intercâmbio entre Organizações similares do Espaço lusófono a favor do bem-estar sociocultural dos casais e crianças.

Como podemos constatar, Jaime de Sousa Araújo manteve, até aos últimos dias de vida, aquele espírito nacionalista perdido nos tempos hodiernos: a preocupação com a Família angolana e os seus pilares, a Mulher e a Criança, bem como a unidade regional dos povos colonizados, a razão da luta pela independência.



Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Rui André
Marques Upalavela, Luena Kassonde
Ross Guinapo

Administradores Não Executivos

Filomeno Jorge Manaças
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 196/Ano VIII/ 17 A 30 de Dezembro de 2019
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editor:

Gaspar Micolo

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Antonio José Mateus, Domingos de Jesus, Francisco Neto, José Carlos de Almeida, Leonel Cosme, Mário Peireira

Brasil: Itamar Cossi

França: Victoria Mann

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha, Correio da Unesco, Modo de USAR & CO, História.com, Obvious Magazine e Engenharia é.

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

O melhor brinde musical de José Kafala é, sem sombra de dúvida, "O Kudizola Kwetu" (o nosso amor). Pela intangibilidade das vibrações vocais, a ultrapassar os limites da estilização do som humano. Uma voz que dispensa praticamente qualquer fundo metálico ou electrónico. Uma voz que é, ao mesmo tempo, mensagem, tonalidade encantatória e a sua própria melodia orquestral em vários tons e alturas.

Com José Kafala aconteceu o mesmo que ao Rei Elias. O pecado de não ter emigrado. Bonga, que o fez, é hoje o embaixador do Semba. Os dois Kafalas, mais novos que o embaixador, morreram precocemente.

Decerto José Kafala sabia desta realidade, porque vivida no palco. Decerto que não escolheu cantar o poema de Agostinho Neto, Renúncia Impossível, expurgando-o de certos versos. Este poema é intemporal, num país como Angola, marcado sem piedade pelos poderes aqui instituídos. "Fui eu quem renunciou à Vida. Podeis continuar a ocupar o meu lugar, vós os que mo roubastes. Aí tendes o Mundo todo para vós. Para mim, nada quero. Nem riquezas, nem pobreza, nem alegrias,



José Kafala: a renúncia impossível

nem tristezas, nem vida, nem morte. Nada. Não sou, nunca fui, renuncio-me, atingi o zero! E agora, vivei, cantai, chorai. E agora, casai-vos, matai-vos, embriagai-vos. E agora, dai esmolas aos pobres! Nada me pode interessar,

eu não sou, não sou, atingi o zero!"

Do irmão Moisés há que destacar a voz mais espessa, mas sempre capaz de enriquecer a trova dos Kafala Brothers, mas, sobretudo, o toque mágico da flauta que confere aos temas dolo-

ridos a impressão nostálgica do horizonte indefinido.

Como se pode constatar ouvindo Ngola, outro brinde em Umbundo, onde a flauta deita um fiozinho de azeite doce sobre o curso do rio melódico.

Dias importantes para a cultura de Angola



JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA (PENSADOR & ESCRITOR)

I - DIA DO SEMBA

Proponho a institucionalização do Dia do Semba - a bandeira musical de Angola. Creio que o primeiro Sábado do mês de Julho é um bom dia para esse fim. Apresento os seguintes argumentos:

1. Sugiro o mês de Julho, por ter a ver com a época seca em Angola, o que permite a realização de várias actividades culturais a céu aberto, sem quaisquer constrangimentos relacionados com a chuva.

2. Proponho o primeiro Sábado do mês referenciado, uma vez que se trata de um dos dias do fim-de-semana, garantindo, deste modo, maior disponibilidade temporal aos assalariados para tomarem parte dos eventos que poderão ser organizados em torno desse dia, tais como concursos de dança e karaokê, só de Semba.

3. No Dia do Semba, poderemos reflectir, realizar palestras e outros eventos atinentes a este tipo de música angolana.

4. Uma estação de rádio e/ou de te-

levisão, se o quiser, poderá estar associada aos festejos do Dia do Semba, nomeadamente, fazendo cobertura jornalística dos eventos que vierem a ser organizados.

5. A futura Câmara Municipal de Luanda incentivará os músicos a produzirem Semba, bem como realizar concursos musicais, além de, anualmente, produzir um disco com os melhores Sembas do ano, de modo a que os consumidores de música possam ter um bom produto cultural, além de ser, economicamente, vantajoso para essa instituição e para os diferentes agentes culturais intervenientes na elaboração das músicas que forem seleccionadas.

6. O Semba precisa de ser amplamente divulgado, quer em Angola, quer fora das suas fronteiras.

7. Devemos escrever a história do Semba. Se Angola não fizer essa e outras tarefas relacionadas com o Semba, não fará sentido algum candidatá-lo a património imaterial da humanidade.

8. Por fim, proponho o uso da palavra "sembalino", como um adjectivo referente ao nome Semba. Assim, por exemplo, podemos dizer, "instrumentos tradicionais sembalinos", "letra de música sembalina", encontro de músicos sembalinos" e prémio da música sembalina". Acho que o adjectivo que proponho soa bem e, certamente, contribuirá para o aumento do âmbito lexical dos angolanos ou, até mesmo, dos falantes da língua portuguesa.

II - DIA DA MULHER BESSANGANA



O Semba precisa ser mais divulgado

1. Proponho a institucionalização o Dia da Mulher Bessangana para dia 15 de Agosto - o mês de Agosto, por ser fazer parte da estação seca e o dia 15, porque é o meio do mês, altura em que a maior

parte dos trabalhadores já recebem os salários, o que possibilita a aquisição dos trajes da mulher da região de Luanda. Oxalá as mulheres dêem valor a essa manifestação cultural.

2. Por outro lado, é importante que haja uma pequena indústria de confecções para a produção dessas roupas. Acredito que uma indústria dessas terá mercado, visto que muita gente, que reside em Angola, comprará esse tipo de indumentária, bem como os angolanos que residam no exterior do país. A industrialização das roupas será mais uma alternativa à diversificação da economia e será, certamente, uma grande marca de Angola.

3. Afirmando que os trajes à bessangana têm beleza e encanto. As mulheres vestidas à bessangana têm grande visibilidade.

4. Em relação à mulher bessangana, há outros aspectos que têm a ver com ela, designadamente, a transmissão de valores aos seus descendentes e educandos, o ensino da higienização corporal e a lida de casa, relacionados com hábito de trançar o cabelo e de varrer à volta de casa, por exemplo.

5. Por último, devo dizer que, timidamente, já tinha escrito sobre estas matérias, embora não o tivesse feito mais detalhadamente, como o faço, neste texto.

6. Viva a cultura! Benditos são todos os que valorizam a cultura dos seu país ou região.

Luanda, 16.12.2019

Processo de assimilação em Primo Narciso, de António Fonseca



ITAMAR
COSSI

A narrativa Primo Narciso do escritor angolano António Antunes Fonseca, incorpora a fase de contos pós-coloniais, que busca situar Angola em um espaço próprio, de contra discurso, contra arquivo, de romper com a opressão literária ocidental-colonial, cuja escrita é propriamente europeia, num aspecto de exotismo, racismo e reiteração colonialista, onde olhar sobre o país africano, o foco narrativo e as principais personagens sempre foram eurocentradas e os negros apenas constituíam um espaço exógeno, folclórico, sem espessura cultural, física e psicológica.

De acordo com a narrativa, a política de assimilação enfatizava que ser negro era uma condição ruim e passar por seu processo era a “melhor” maneira que o angolano tinha de ascender na hierarquia das colônias, em troca o “indígena” deveria silenciar e negar a sua cultura ou até mesmo a sua própria existência. O que aconteceu com a personagem KidiluNsua di da narrativa em análise, sujeitado à política de assimilação, mudou não só os seus hábitos culturais e assumiu os do outro – europeu, como também foi forçado a mudar o seu nome indígena – princípio da construção de sua identidade, passando a se chamar por seu padrinho de Narciso. “– Não! Isso não. Com esse nome o rapaz não vai a lado nenhum. De hoje em diante – o Sô Rui dirigia-se agora ao rapaz – passa a chamar-te Narciso”. (2010, p. 3). Tornar-se um assimilado implica à personagem, além da perda de sua identidade tradicional, negar e eliminar os seus costumes considerados primitivos, não no sentido de priori, mas de inferior, menor, sem valor.

Em Primo Narciso, KidiluNsua di foi adotado pelo senhor Rui, que segundo o autor, “não era um branco nem de primeira e nem de segunda. Era sim um mestiço que, embora se soubesse de quem era filho, nunca vira essa paternidade reconhecida” (2010, p. 3). Em Angola, na época colonial, os indivíduos eram separados por categorias: branco de primeira eram os colonos que nasceram na metrópole; brancos de segunda eram os filhos dos



António Fonseca

Angola não teve o condão de despertá-los, razão porque continuam a observar-se de fora para dentro, com o coração lá longe ainda, obcecados por figurinos europeus passeando na paisagem africana

colonos nascidos já na colônia, e os brancos de terceira os filhos destes. “Sô Martins, um branco considerado de primeira, nascido e crescido na metrópole (...) Sô Silva, um branco de segunda, nascido na colônia portanto, conseguiu colocar o filho dos seus dezassete anos: era bom para ajudante da carrinha e do armazém. Quanto ao mais novo, dos seus doze anos, ninguém o queria, pois era pequeno demais para os trabalhos que tinham. (2010, p. 2). Abaixo dessa hierarquia estavam os diversos tipos de mestiços, seguidos dos negros assimilados e aquém de toda essa categoria, encontravam-se os negros - indígenas, chamados de “não civilizados”. Segregação que contribuiu para o chamado Lusotropicalismo, utilizado em Angola como suporte e propagação de ideologias em defesa das colônias portuguesas, as quais propagavam suas dominações políticas e sexuais diante dos indígenas. Em Angola, o lusotropicalismo apenas favoreceu aos portugueses, uma vez que, sendo iberos e tidos como miscigenados estariam categoricamente mais preparados e capacitados que os demais europeus pa-

ra se mesclarem genética e culturalmente com os povos colonizados, neste sentido Angola passou a ser uma continuidade de Portugal, em outros termos, o país africano se tornou uma civilização luso-tropical.

Na narrativa, Sô Rui, padrinho de Narciso, era filho de um comerciante português, que usou de seus poderes de superioridade masculina e colonial para violentar, estuprar e engravidar uma negra da aldeia. Por ser mestiço, assimilado e filho de um colonizador a personagem se sentia no direito e se colocava numa escala maior na hierarquia colonial. “Graças a isso pudera ser considerado um assimilado, ao contrário de muitos outros que, como suas mães, permaneciam indígenas, tal como o estatuto no seu artigo segundo rezava: os indivíduos de raça negra ou seus descendentes que, tendo nascido ou vivendo habitualmente nelas (províncias) não possuem ainda a ilustração e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses (2010, p. 3). Um assimilado que aprendia a ler e escrever o português – como língua

materna, exercia uma profissão, professava a fé cristã, abandonava os seus costumes tradicionais, assumia a condição e a figura de um outro, como relata o próprio Fonseca na narrativa, o assimilado se tornava “um preto com alma de branco” (2010, p. 5). Para ser considerado um civilizado, o indígena deveria rejeitar toda a sua cultura a priori e assumir a do colonizador, condição contemplada por uma parcela ínfima de angolanos.

O Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira em 1960, enfatizando a política de assimilação, disse que era preciso mais escolas em África, as quais indicariam ao nativo o caminho “para a dignidade do homem”, para isso, era necessário “ensinar aos nativos a ler, escrever e contar, mas não ser doutores” (II AL:372, apud Mondlane, 1995: 59). O ensino da língua ocidental dominou, silenciou e colonizou as línguas tradicionais angolanas, as quais foram, desde 1921 em todo o território colonial de Angola, proibidas, excluídas e marcadas pelo estigma de inferioridade. Em contrapartida, para o angolano, aprender a língua do colonizador foi uma das formas de luta pela independência, pois favoreceu a comunicação e ajudou na criação de imprensas clandestinas, cujos textos estavam em português e línguas locais.

Em Primo Narciso, após KidiluNsua di cumprir com todos os requerimentos da política de assimilação “já havia sido baptizado, falava português que nem água. Comia à mesa com garfo e faca, sem atrapalhação (...) rapaz educado de acordo com os ditames da “civilização” (2010, p. 5), decidiu voltar e visitar a sua antiga aldeia, para mostrar aos demais como era ser “um cidadão civilizado”. Chegando à sua antiga comunidade, mesmo sabendo que já não era mais permitido pelos colonos cultivar suas antigas raízes, já que agora era e assumiu a identidade de um outro, assimilado, Narciso, contagiado pelos cânticos e pela alegria de seu povo, festejou junto com os seus. “Narciso não resistiu ao apelo das origens. Pegou num pano, enrolou-o à cintura, fê-lo descair sobre a mbunda e entrou no frenesim da dança”. (2010, p. 6). Fonseca explicita em Primo Narciso, narrativa de cunho arquivista decolonial, que mesmo o sujeito angolano se tornando um outro pela política de assimilação, não consegue apagar por completo as suas raízes tradicionais, isto é, nenhum discurso colonizador, imposto através do sangue, da opressão foram e são capazes de apagar da memória do angolano, sua cultura priori, pois não é questão de pele, raça, mas de alma, ancestralidade, elementos que incorporados aos mitos e a tradição oral se tornaram armas contra o abuso do arquivo colonial.

Ao voltar às origens, Narciso foi sur-

preendido pelo chefe de polícia, acompanhado pelo Administrador que visitara as sanzalas, onde já haviam assimilados. Por dançar e cantar suas antigas tradições Narciso perdeu seu bilhete de identidade portuguesa e foi levado como escravo. “...como castigo, foi deportado para uma fazenda da região de Nambuangongo e nunca mais se soube dele. Alguns admitiram mesmo que tivesse fugido para o Congo, de onde já sopravam ventos revolucionários e independentistas, porém, a verdade era outra” (2010, p. 6). Os não assimilados, ou aqueles que deixavam de ser, de acordo com a narrativa de Fonseca, eram submetidos ao chamado “contrato” e/ou subordinados ao trabalho pesado. Amarrados e levados aos cafezais dos colonos, eram tratados como mercadoria, objeto de venda e/ou câmbio, elemento indispensável para a manutenção do sistema colonial português em Angola, que usava e exportava mão de obra escrava para outras colônias.

A qualificação de assimilado mascarava toda a realidade de segregação e exclusão racial provocada pelo colonialismo, o qual obrigava o “não civilizado” a viver em constante miséria e se colocar às margens, morando em musseques e respeitando toques de recolher. “Seguindo pela beira-mar, ludibriou primeiro o controlo da polícia à entrada do Cacucaco e, depois, à entrada da cidade. Esgueirou-se pela ladeira da Boavista e, subindo pelas barrocas, penetrou no Sambizanga onde passou a viver com um tio que há vá-

rios anos emigrara para Luanda.” (2010, p. 7). Alguns assimilados, ou ex buscavam encontrar um alojamento digno, que apenas uma pequena parte conseguia, a outra vivia pelas ruas das cidadescoloniais ou pelos matos a se esconderem. Tentavam se reencontrarem com sua identidade cultural, voltando a cultivar os costumes tradicionais dos quais haviam se separados. Regresso importante para um efetivo compromisso na luta contra a dominação colonial.

A narrativa Primo Narciso de Fonseca, portanto, é uma válvula de escape contra as limitações expostas pelo discurso dominante, contribuindo para a construção de um novo campo literário, que se ergue como um grito na-



PERFIL

Doutorando pela Universidade de Buenos Aires – UBA, cuja investigação é sobre Memória, Reminiscência e Tradição Oral na Literatura Africana Contemporânea.

Ervedosa, Carlos – Itinerário da Literatura Angolana – Culturanga, Luanda, 1972.

António Antunes Fonseca: nasceu no Ambriz, província do Bengo (1956). Licenciou-se em Economia na Universidade Agostinho Neto, de Angola e é Diplomado em Estudos Superiores Especializados de Políticas Culturais e Acção Artística, pela Faculdade de Direito e Ciência Política da Universidade de Bourgogne, França. Poeta, escritor e ensaísta angolano foi co-fundador da Brigada Jovem de Literatura, é membro da União dos Escritores Angolanos e é Membro Fundador da Academia Angolana de Letras, de que é o Secretário-Geral. Ao longo da sua carreira profissional dirigiu o Instituto Nacional do Livro e do Disco, o Instituto Nacional das Indústrias Culturais, a Direcção Nacional dos Direitos de Autor e Direitos Conexos, o Gabinete Jurídico do Ministério da Cultura e a Empresa Nacional do Disco e de Publicações. Actualmente é o Presidente do Conselho de Administração do Memorial António Agostinho Neto. Desde 1978 é realizador e apresentador do programa semanal ANTOLOGIA, na Rádio Nacional de Angola, dedicado à valorização das tradições orais angolanas. Decreto-Lei nº 39/666, de 20 de Maio de 1954, publicado no Boletim Oficial nº 22. Art.º 2º - Consideram-se indígenas das referidas Províncias os indivíduos de raça negra ou seus descendentes que, tendo nascido ou vivendo habitualmente nelas, não possuam ainda a ilustração e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses. § único - Consideram-se igualmente indígenas os indivíduos nascidos de pai ou mãe indígena em local estranho àquelas Províncias, para onde os pais se tenham temporariamente deslocado. Pinto, Alberto Oliveira – Angola e as Retóricas Coloniais – roupagens e Desvendamentos - Mercado de Letras Editores - Lisboa - 2012.

Um mestiço poderia permanecer indígena de acordo com a lei da política de assimilação de 1954. Decreto-Lei nº 39/666, de 20 de Maio de 1954, publicado no Boletim Oficial nº 22. Artigo 56: a) Ter mais de 18 anos; b) Falar correctamente a língua portuguesa; c) Exercer profissão, arte ou ofício de que aufera rendimento necessário para sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim; d) Ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses; e) Não ter sido notado como refractário ao serviço militar nem dado como desertor.

Autoridade administrativa no período colonial. Herança que se perdura até o contemporâneo. Um dos principais centros produtores de café. Na narrativa é um espaço para a prisão da personagem Narciso. Na história de Angola, Nambuangongo foi um espaço importante para os acontecimentos de 15 de março de 1961. Um dos principais redutos da luta de libertação nacional. (...) “nós mesmos urdimos a corda e nós mesmos vamos nela amarrados” (2010, p. 4) - INALD, Luanda, 2007.

Atenção aos estudantes universitários angolanos em Cuba

O século XXI caracteriza-se pela existência de grandes transformações e desafios, para os quais as sociedades e os seus sistemas de ensino necessitam de formar profissionais altamente competentes e comprometidos com o desenvolvimento dos seus países. Por isso, o Governo Angolano, desde há muitos anos investe grandes recursos na formação dos seus profissionais em Cuba e noutros países. Os funcionários do Sector Estudantil na Embaixada de Angola em Cuba, actualmente empreendem esforços para atender os estudantes. Porém, não tem sido fácil o intercâmbio sistemático com todos os estudantes, pois se trata de um número elevado de estudantes dispersos por várias províncias desse país. Atendendo a esse factor, a comunicação torna-se insuficiente, bem como a assessoria e a cooperação com todos os estudantes, com prejuízo para a sua motivação. Das insuficiências anteriormente focadas, foram identificadas dificuldades na prática profissional resultando na abordagem do aperfeiçoamento do processo de atenção aos estudantes universitários angolanos em Cuba durante a sua formação

ANTÓNIO JOSÉ MATEUS

INTRODUÇÃO

Muitos são os desafios que enfrentam hoje as nações e os seus sistemas de educação como consequência directa do desenvolvimento acelerado da ciência e da tecnologia, das relações desiguais existentes no mundo, assim como os perigos que a própria humanidade enfrenta, resultantes do câmbio climático e dos conflitos bélicos. Para enfrentar exitosamente estes desafios, é imprescindível a formação de

profissionais competentes e comprometidos, que participem activamente no desenvolvimento dos seus países.

Angola não é excepção como refere a Lei de Base do Sistema da Educação (nº Ley n 17/16 de 7 de Outubro) “a educação é um processo planificado e sistematizado de ensino e aprendizagem que visa preparar de forma integral o indivíduo para as exigências da vida individual e colectiva”.

(A.N.A. 2016: 2). Neste sentido, o Governo prioriza a formação da mão-de-obra especializada, a qual deverá estar encarregada de promover o desenvolvimento económico, social, político e



Alunos angolanos em Cuba estão entre os melhores da Ilha

cultural de Angola. Por isso, há mais de 30 anos, muitos de seus jovens estudam e estudam em Cuba e em outros países, onde são preparados como profissionais em diferentes especialidades. É assim que se buscam métodos mais eficazes para a atenção aos estudantes, com o propósito de cumprir com os objectivos propostos. Considera-se o estudo científico deste processo de atenção aos estudantes universitários para se encontrar mecanismos práticos que possibilitem, de forma permanente, o apoio na sua formação profissional.

O Sector de Apoio Estudantil em Cuba actualmente empreende esforços para atender os estudantes, pois não tem sido fácil o intercâmbio sistemático, pelo número extenso e a sua dispersão por quase todas as províncias de Cuba.

Por este motivo tem havido insufi-

ciências na comunicação, na assessoria e na cooperação que se brinda aos estudantes, que, em alguns casos, isso afecta, sobremaneira, a sua motivação. Das insuficiências anteriormente identificadas, na prática profissional através do intercâmbio com os estudantes, decidiu-se estudar o aperfeiçoamento do processo de atenção aos estudantes universitários durante a sua formação profissional, com o objectivo de propor uma estratégia para a atenção.

O mesmo contém alguns fundamentos sobre a formação profissional dos estudantes e sobre aspectos sociopsicológicos da direcção em educação, como a motivação e a comunicação, que sustentam a proposta e se descreve brevemente a estrutura da estratégia que se apresenta para a solução do problema.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO

Em Angola, como na maioria dos países do mundo, formar profissionais com alta qualificação, capazes de aproveitar os avanços técnico-científicos em benefício do desenvolvimento do país constitui uma necessidade imperiosa; daí a importância que se lhe concede na educação, a qual se reflecte na Lei de Bases da Educação Angolana, aprovada pela Assembleia Nacional de Angola em 2016 cujo teor é o seguinte:

O sistema de educação e ensino tem de "desenvolver harmoniosamente as capacidades intelectuais, laborais, cívicas, morais, éticas, estéticas e físicas. Bem como o sentimento patriótico dos cidadãos, especialmente dos jovens, de maneira contínua e sistemática e elevar o seu nível científico, técnico e tecnológico, a fim de contribuir para o desenvolvimento socio-económico do País.

A formação de profissionais é considerada um processo educativo através do qual o futuro profissional é preparado continuamente nos conteúdos e métodos a serem aplicados; começa a partir do momento em que se escolhe a profissão e dura a vida inteira. Para isso, "está presente no desenvolvimento técnico-científico e assume novas experiências e reflexões que contribuem para a transformação do seu modo de acção no contexto em que exerce a profissão" (Mateus, 2019a:3).

A formação de profissionais nas universidades visa "preparar integralmente o aluno numa determinada carreira, tanto de graduação como de pós-graduação, para que se possa cumprir a missão de preservação, desenvolvimento e promoção dentro e fora do contexto universitário..." (Horruitiner ,



Bolseiros angolanos em Cuba

2006: 8). Portanto, é necessário que a formação profissional nas instituições universitárias seja uma verdadeira formação integral do ser humano, como um processo contínuo, permanente, sistemático e participativo que "busque desenvolver harmoniosa e coerentemente todas e cada uma das dimensões" do ser humano, como ética, espiritual, cognitiva, afetiva, comunicativa, estética, corporal e socio-política, a fim de alcançar a sua plena realização" (Colectivo de autores; 2016: 2).

Muitos autores abordaram o conceito de educação integral, entre eles, An-

gulo et al. (2007), assim, Potes, Peláez e Escobar (2010). Este artigo assume o conceito de formação integral abordado pelo ensino superior cubano, onde é definido da seguinte maneira:

"A formação integral de estudantes universitários deve resultar em graduados com um desenvolvimento político [...] sólido, dotados de uma ampla cultura científica, ética, legal, humanista, económica e ambiental; empenhados e preparados para defender a Pátria [...] e as causas justas da humanidade, com argumentos próprios e competentes para o de-

sempenho profissional. Esses elementos interligados constituem um sistema complexo cujo principal resultado é a capacidade de contribuir, de maneira criativa, para encontrar uma solução para os problemas da prática. (MÊS DE 2016: 8)". No entanto, para atingir estes objectivos gerais na formação dos profissionais universitários angolanos, é necessário um trabalho coordenado, com a participação de muitas instituições e pessoas, não devendo ser apenas as instituições de ensino, mas se necessita de uma atenção sistemática.

A atenção

Em relação à palavra atenção, vários dicionários consultados referem a acção de atender. De acordo com o Pequeno Dicionário Ilustrado Larousse, significa "aplicação da mente a um objecto". O autor define como "cuidar de uma pessoa" (García, 1988: 108).

O Colectivo de Autores (2015) define a atenção como "a capacidade que alguém tem de cuidar de coisas ou um objetivo, tendo-o em conta ou em consideração" (página 1).

Consequentemente, a atenção para algo ou alguém significa entre outras acepções: atender, ter em conta, considerar ocupar-se deste algo ou alguém, ajudá-lo, contribuir para o seu desenvolvimento, enfim, prestar atenção em tudo que seja possível para que cumpra os seus objectivos.

De acordo com os autores supracitados, a atenção pode ser de três tipos: activa e voluntária, activa e involuntária e passiva (Coletivo de autores 2015). A atenção aos estudantes angolanos em Cuba durante a sua formação profissional deve ser entendida como um processo permanente activo e voluntário de assessoramento, orientação, acompanha-

mento, controlo e ajuda cooperada com a participação de instituições de ensino superior onde estudam, dos seus professores, famílias, colegas, organizações estudantis, organizações patronais angolanas, comunidade e funcionários da Embaixada de Angola em Cuba, responsáveis pela coordenação deste processo, com vista a promover a sua formação como profissionais integrais, competentes, dotados de valores humanos e comprometidos com o desenvolvimento do nosso país.

Isso significa que a responsabilidade pela formação integral dos estudantes que se formam nas instituições universitárias não é apenas dos claustros dos professores das referidas instituições, mas também do Governo e do povo angolano, representada primeiramente pelos funcionários do governo. Portanto, considera-se que a atenção aos estudantes universitários angolanos durante a sua formação deve ser apoiada como resultado da pesquisa científica, razão pela qual, para além dos fundamentos pedagógicos do processo de formação integral, alguns elementos teóricos gerais de direcção no campo da educação, com ênfase em aspectos

sócio-psicológicos importantes, como motivação e comunicação.

De acordo com Carbonell, et al. (2016), algumas das características que a direcção na educação deve ter são as seguintes:

- Planejar, organizar, desenvolver, controlar e avaliar os processos e actividades com a participação de todos.
- Promover a colaboração entre todos os membros directa e indirectamente ligados ao trabalho da instituição.
- Estimular o comprometimento e o trabalho em equipa para atingir os objetivos da maneira mais eficiente possível, priorizando a eficácia do processo educacional.
- Dirigir e promover a participação, definindo os objetivos, as prioridades de cada etapa, bem como as acções correspondentes para alcançá-las.
- Integrar as necessidades individuais e de grupo de todos os membros da comunidade educacional.
- Assegurar um sistema de relacionamento efetivo que facilite o trabalho visando atingir os objetivos e avaliar os seus resultados. (p. 14-15).

Estas concepções teóricas assumem-se neste artigo, porque correspondem às aspirações de conseguir uma melhor atenção aos estudantes angolanos que

são formados como profissionais. Da mesma forma, neste trabalho, os princípios da gestão da educação propostos por González, et al. (2016), com especial ênfase nos dois princípios seguintes:

1. "Princípio do carácter participativo e o compromisso para a motivação-laboral nas instituições educativas.
2. Princípio da coordenação para o desenvolvimento do processo de direcção em educação" (página 32).

Da mesma forma, os principais métodos da direcção da educação utilizados na proposta são:

A observação do desenvolvimento de execuções e processos; o exercício; execução de tarefas práticas; a entrevista; trabalho em grupo ou coletivo; o diálogo; a orientação; a negociação; a persuasão; o reconhecimento e aprovação; a crítica; autocrítica e autoavaliação; conversação informal e responsabilização. (Mateus, 2019a: 8).

Esses elementos teóricos sobre a direcção na educação fundamentam a atenção necessária aos estudantes universitários na sua formação profissional, mas também se apoiam nos aspectos socio-psicológicos da direcção na educação como a motivação profissional e a comunicação educativa, tratados de forma resumida a seguir.

IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO

Actualmente, muitos dos estudantes não dedicam o tempo que realmente precisam para o estudo de uma carreira universitária, e nem todos os professores dão a orientação e ajuda necessárias para mudar essa atitude. Daí a importância de trabalhar intencionalmente, a motivação profissional dos estudantes angolanos, para alcançar níveis mais elevados no interesse profissional dos estudantes.

No trabalho coletivo (em grupo), a estimulação motivacional é organizada através de formas de trabalho cooperativo, através das quais as intenções profissionais são criadas e fortalecidas.

O nível superior é alcançado quando os estudantes conseguem estabelecer metas e objetivos profissionais de natureza mediática, fazendo elaborações antecipadas sobre o seu futuro desempenho profissional. Para isso, realizam esforços complexos, manifestando satisfação nesse processo. Eles se comportam com optimismo e segurança, senso de posse, rápida adaptação ao ensino superior e com satisfação pela profissão escolhida.

Por isso, é necessário projectar acções estratégicas que propiciem alcançar e manter, nos estudantes, as suas intenções profissionais, ou seja, o mais alto nível de interesse profissional nas suas carreiras, elemento essencial para a sua formação integral como profissionais altamente qualificados e comprometidos com o desenvolvimento do seu país. Daí o papel decisivo da motivação profissional na atenção aos estudantes em Cuba.

PAPEL DA COMUNICAÇÃO

Entre as múltiplas definições do termo comunicação está o que o concebe como um processo bidirecional de troca de experiências e conhecimentos que exerce influências mútuas entre os sujeitos participantes.

Ao aceitar que se trata de um processo bidirecional de troca de experiências, "nos distanciamos da ideia bastante generalizada de que nesse processo há sempre um emissor e um receptor, considerando que, para que exista um verdadeiro processo de comunicação, ambos devem ser emissores e receptores" (Mateus, 2019a: 8).

Alonso (1994), referindo-se à comunicação especificamente como elemento sócio-psicológico essencial da gestão no campo da educação, propõe: "Se vemos a comunicação como um processo de interação social; relações humanas existentes e possíveis; sinónimo de compreensão, ajuda mútua, troca, interacção recíproca e vida em sociedade; conteúdo e forma da atividade de trabalho, e um processo de resolução de problemas específicos; então podemos chegar à seguinte conclusão: a comunicação é a própria



Bolseiros angolanos em Cuba

essência da actividade gerencial. (p.36)"

Estas ideias reforçam a convicção da importância que é dada à comunicação educativa na estratégia para a atenção dos estudantes angolanos que são formados como profissionais, onde o diálogo educativo adquire um papel relevante.

Coincide com Ortiz (2008) no sentido de que não basta que o diálogo com os estudantes ocorra na instituição de ensino ou em um determinado cenário para ser um diálogo educacional, pois para isso deve atender a alguns requisitos, dentre os quais se destacam:

- Motivação para a obtenção de novos conhecimentos.
- Estimulo à aparência e/ou à busca do tal conhecimento.
- Demonstração aos alunos das suas insuficiências e como eliminá-las.
- Promover a reflexão individual e colectiva sobre os conteúdos das matérias abordadas.
- Que se estimule a criatividade.
- Que a diversidade seja provocada entre os estudantes sobre conteúdos de valores educativos e instrutivos.
- Que as relações do espírito de camaradagem, cooperação e ajuda mútua dentro do grupo sejam encorajadas, assim como a formação de valores morais.

O trabalho em grupo deve ser incentivado, como um elemento importante para promover a ajuda que os próprios estudantes podem e devem prestar aos seus colegas. Para isso é aconselhável familiarizar os alunos com a necessidade de respeitar as "regras do trabalho em grupo", bem como as "regras de uma boa audição", muito úteis e necessárias para promover relações interpessoais salutares.



Estas ideias reforçam a convicção da importância que é dada à comunicação educativa na estratégia para a atenção dos estudantes angolanos



Ressaltar a grande importância dada ao trabalho em equipa neste artigo, como parte da atenção dispensada aos estudantes na sua formação integral, não significa que o papel do trabalho independente seja subestimado, pois eles devem desenvolver as suas próprias habilidades profissionais.

ESTRATÉGIA DE ATENÇÃO

Com base nestes elementos conceptuais iniciais, define-se um conjunto inter-relacionado de acções para o desenvolvimento do processo de aconselhamento, orientação, acompanhamento, controlo e assistência cooperativa aos estudantes, como estratégia de atendimento aos universitários angolanos, como se disse anteriormente, com a participação das instituições de ensino superior onde estudam, dos seus professores, das suas famílias, das organizações estudantis, dos próprios colegas de estudo, das instituições empregadoras angolanos e dos funcionários da Embaixada de Angola em Cuba, encarregados de coordenar este processo, permitindo passar de um estado inicial para o estado desejado, em cumprimento do objectivo proposto.

CONCLUSÕES

Os angolanos licenciados na República de Cuba devem concluir com um sólido desenvolvimento político, uma ampla cultura científica, ética, legal, humanista, económica e ambiental; estarem comprometidos e preparados para defender a pátria, contribuir para o seu desenvolvimento e serem competentes na sua actuação profissional, como resultado da formação profissional integral que recebem nesse país. A atenção aos estudantes universitários angolanos em Cuba durante a sua formação profissional deve ser concebida como um processo permanente, activo e voluntário de aconselhamento, orientação, acompanhamento, controlo e ajuda cooperativa aos estudantes, com a participação de instituições de ensino superior onde estudam. Professores, familiares, colegas, organizações estudantis, instituições empregadoras angolanos e funcionários da Embaixada de Angola em Cuba, encarregados de coordenar este processo. Portanto, para conseguir uma atenção adequada aos estudantes angolanos formados como profissionais em Cuba, é necessária a execução de acções de cooperação, por todos aqueles que podem ter um impacto favorável, tanto em Cuba como em Angola, ou seja: gestores e professores de instituições de ensino onde os estudantes são formados, directores da Associação de Estudantes Angolanos em Cuba, os próprios estudantes, as suas famílias, representantes de organizações patronais e funcionários da embaixada angolana em Cuba.

Ana Clara Guerra Marques

Uma primeira reflexão no domínio da dança cokwe

GASPAR MICOLO

A longo dos últimos 30 anos, a bailarina e coreógrafa Ana Clara Guerra Marques, pioneira da dança contemporânea em Angola, dedicou-se à investigação sobre a cultura cokwe, com destaque para as máscaras de dança - Phwo (feminino) e Cihongo (masculino).

A obra "Máscaras Cokwe: a Linguagem Coreográfica de Mwana Phwo e Cihongo", lançada no dia 11 de Dezembro, na União dos Escritores Angolanos (UEA), em Luanda, reúne assim o resultado de um trabalho que compulsa uma vasta referência bibliográfica, depoimentos de colaboradores cokwe e especialistas, além da recolha de dados que a investigadora efectua na Lunda Norte, Lunda Sul e Moxico, assim como em Benguela e em Luanda, junto das comunidades cokwe aí instaladas. Ana Clara Guerra Marques, que durante 37 anos trabalhou no Ministério da Cultura, onde foi directora da Escola Nacional de Dança e consultora, revela um profundo conhecimento da cultura cokwe, demonstrado nas abordagens histórica, antropológica e etnográfica efectuadas por reconhecidos académicos que se interessaram pelos mascarados cokwe, relativamente às suas funções, significado e simbologia.

E é aqui que o trabalho de Ana Clara Guerra Marques se revela pioneiro: propõe uma primeira reflexão no domínio da dança no contexto cokwe de Angola, colmatando a ausência de uma perspectiva do ponto de vista da performance nos estudos sobre os mascarados do Nordeste de Angola.

Num dos prefácios, o historiador de arte Manuel Jordán, director adjunto e curador para África do "Musical Instrument Museum", nos EUA, e que conta com uma vasta obra sobre a arte cokwe, aliás bem referenciadas no trabalho, refere que o "livro, baseado no treino profissional da autora e nas suas práticas como coreógrafa, é um contributo importante por destacar um ângulo completamente novo e necessário aos estudos sobre os Cokwe".

Partindo de uma análise dos bailarinos mascarados da sociedade cokwe para depois considerar a sua performance coreográfica, Ana Clara Guerra Marques, que em 1991 fundou a primeira companhia profissional angolana, a Companhia de Dança Contemporânea de Angola, descreve e revela neste livro a estrutura da dança, destacando o intérprete (Mukixi wa Mwana Phwo e o Mukixi wa Cihongo), o movimento e a música.

Após recolha e processamento de toda uma série de dados e informação, a autora, mestre em Performance Artística-Dança, revela que a performance indicia a presença de uma informação sobre a génese, função e posição ocupada pelas máscaras Mwana Phwo e Cihongo na sociedade cokwe, o que remete para



Bailarinos cokwe

as particularidades de uma realidade sociopolítica e cultural concreta. "Mwana Phwo é simultaneamente o reflexo de uma sociedade matrilinear e um poderoso instrumento de educação e manutenção dos valores e papel da mulher entre os Tucokwe" [pág. 188].

E quanto ao homem, revela: "(...) o Mukixi wa Cihongo possui o seu texto enquanto entidade carregada de representações onde círculos distintos de uma mesma comunidade constroem imagens culturais. Para além do significado atribuído ao seu estilo de dança que, pelo vigor empregue nos seus movimentos representa a virilidade e o poder masculino, a sua actuação pretende

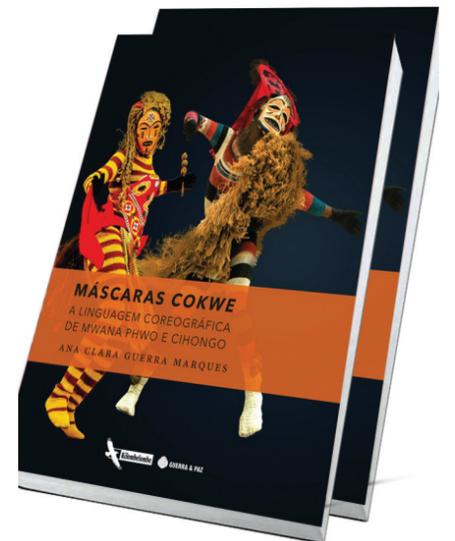
divulgar o sentimento de respeito devido à aristocracia cokwe, e a todas as linhagens de soberanos que lideraram aquele povo" [ibidem].

Como se nota, neste trabalho pioneiro, a autora, além da redefinição das danças cokwe, à luz da metodologia e rigor coreográficos, revela igualmente os ricos elementos da cosmologia cokwe imbuídos nas performances das máscaras Mwana Phwo e Cihongo. "É, pois, através da dança que a simbologia inscrita nas máscaras é posta em movimento, evocando o sistema de representações cósmicas que os Tucokwe reconhecem e com as quais se identificam" [pág. 191].



Duas das mais belas máscaras angolanas em livro

Na actuação destas máscaras - a dança e o conjunto de elementos observáveis, com significados próprios e identificáveis -, estão sempre presentes uma linguagem manifesta e mensagens latentes resultantes das interpretações do bailarino, bem como do próprio público. Por mais estruturados que sejam os padrões de movimento, este público tem sempre a liberdade de (re)interpretar a performance e de produzir narrativas sobre ela, a partir da articulação de todas as componentes que reconhecem.



Sobre a autora

A autora é mestre em Performance Artística-Dança, e licenciada em Dança na área da Educação, bailarina, coreógrafa e investigadora.

Pioneira da dança contemporânea em Angola, Ana Clara Guerra Marques trabalhou durante 37 anos no Ministério da Cultura angolano, onde foi Directora da Escola Nacional de Dança e consultora dos Vice-Ministro e Ministra da Cultura de Angola, tendo fundado a primeira companhia profissional angolana, a Companhia de Dança Contemporânea de Angola, com a qual propôs novas estéticas e novos conceitos de espectáculo para a dança angolana, dividindo a sua criação entre a intervenção/crítica social e a extensão artística do seu trabalho de investigação sobre as danças patrimoniais angolanas, com incidência na cultura Cokwe.

Como reconhecimento da sua contribuição para o desenvolvimento das artes e da cultura em Angola, foram-lhe atribuídos o "Prémio Nacional de Cultura e Artes" (2006), o prémio "Identidade" da União Nacional dos Artistas e Compositores (1995), os Diplomas de Honra (2006) e de Mérito (2016) do Ministério da Cultura de Angola e o "Diploma de Honra - Pilar da Dança" da UNAC (2011).



Guerra Marques . Autora e mestre em Performance Artística - Dança

Justino Handanga, a voz que consolou os angolanos



DOMINGOS DE JESUS

Volidas quase duas décadas depois do lançamento do primeiro álbum discográfico de Justino Handanga, lembramo-nos, com profunda saudade, da voz, da letra e do ritmo tocado um pouco por todo o país e na diáspora (especialmente nas comunidades angolanas). O álbum “Onjongele yatelisiwã” (alvo atingido), lançado em 2004, surge numa oportunidade única, fase em que os angolanos acabavam de sair duma guerra civil de quase três décadas. Ora, após os acordos de Paz, a 4 de Abril de 2002, antecedidos pelo silenciar das armas, o povo angolano encontrava-se traumatizado devido ao conflito que não só destruiu as melhores infra-estruturas do país, como também ceifou milhares de almas e deixou viúvas, órfãos e mutilados. Nesta fase, o povo estava desesperado, a paz ora anunciada parecia-lhe, ainda, uma quimera.

Apesar do transe, nascia, entre os angolanos, o sonho de reencontrar familiares, reconstruir lares e reedificar o que fora destruído pela guerra. Embora o conflito não tivesse assolado todas as províncias na totalidade, as do sul, sudoeste, leste e principalmente as do planalto central (Huambo, Bié e Cuando-Cubango) estavam totalmente arrasadas. Foi nesse momento e circunstância que, entre a vastidão das belas vozes da música nacional, Justino Handanga surge com letras cujas mensagens atingiram a emoção dos angolanos, transmitindo alegria, amor, paz e esperança.

Handanga é um artista que soube ler o momento e interpretar os corações feridos dos angolanos para, então, anunciar as boas novas. E como as principais vítimas do conflito armado tinham sido as populações do centro e sul do país, o artista serve-se dos seus conhecimentos da cultura desse povo e, assim, canta a paz então alcançada e pede aos seus irmãos para regressarem às suas terras, a fim de reaver os seus bens, rever os seus parentes sobreviventes do conflito e contribuiu, sobretudo, para a união e reconciliação nacionais.

Pelo exposto, nota-se no trecho desta música: “Ndumbalundo uyakiwanele kulo/ Cilo wapwa ndityukila kimbo/ Amanjange ndacipopale/ Ohalielã ikapwawe/ Tukanda Kovambo etu akome/ Tukakala ciwa he...”. Como consta, o artista serve-se da língua umbundo (a segunda mais falada em

Angola, depois do português) como instrumento de comunicação por excelência. Assim, numa tradução literal da estrofe anterior, temos a seguinte mensagem: “Sou do Bailundo, vim parar aqui por causa da guerra/ Mas agora terminou a guerra/ Voltarei para a minha terra// Oh, meu irmão/ eu bem dizia que um dia o sofrimento iria acabar/ Iremos às nossas terras/ E seremos felizes...”

A estrofe desta música convida os seus compatriotas que, por motivos do conflito armado, se encontravam longe das suas terras, dos seus kimbos (lares), e motiva-os a regressarem à casa. Conforme podemos notar no refrão da mesma música: “Helã okwenda/ eheya/ Helã okwenda ehe/ Tutyukila ehe ya/ Tutyukila ehe/ Tuyukila kumã ehe ya/ Tutyukila ehe/ Helã okwenda avoyo ehe ya/ Helã okwenda ehe”. Tradução literal: amanhã, voltaremos/ Voltaremos/ Voltaremos para a mãe/ Voltaremos/ Amanhã voltaremos. Ora, o final desta música reveste-se duma linguagem conotativa penetrante que leva o ouvinte a viajar no tempo e no espaço, ao dizer: “Oolumn-da vyokimbo vyovyvo vimolehã we ehe/ Lumbanganda omulehã akome/ Ocipalã lovaso/ Ocipepi Lutimawe/ Ndilinga ndaty avoyo akome/ Okutate koko cavala” (refrão). Tradução: “Lá estão as montanhas da minha terra!/ O moro Lumbanganda também aparece/ É distante com os olhos/ Próximo com o coração/ Que faço então!/ Lá está a terra do meu pai!”

A música anterior, quando fosse ouvida por alguém que a compreendesse, resultava numa verdadeira catarse, na medida em que permitia ao ouvinte esquecer-se dos problemas do passado, voltar-se para si e, reanimado, pensar mesmo em voltar para a terra, pois é lá onde cada um tem o que precisa para sobreviver e consegue encontrar os seus entes queridos, com os quais fosse possível ser feliz verdadeiramente.

Decerto, Handanga não se limite a estimular saudade e incentivar o regresso à terra. Sendo um artista conhecedor da realidade política do país e a situação deplorável por que passavam muitos angolanos, recorre à música e encontra nesta um meio fecundo para consciencializar e, ao mesmo tempo, denunciar a crise dos direitos humanos, visto que, após o término da guerra, o governo escusou-se de servir o povo, negando-lhe o necessário para viver e frustrando aqueles que se dedicaram à pátria.

Três das suas músicas corroboram com a ideia anterior, a saber: “Ndikalume” e “Vatekateka” e “Kolofeka”. A primeira, cantada num estilo mais relaxante, retrata a vida de um homem que, diante das vicissitudes da vida, sente-se desprezado e humilhado por estar privados dos seus direitos fundamentais no seu próprio país para o



qual contribui, por um lado; por outro lado, por estar abandonado pela sua família à qual amou e dedicou a vida toda. O personagem da música vive melancólico e, a lamentar, questiona a sua condição de homem (macho). Diz, portanto, ser homenzinho, insignificante que, de tanto pobre, a esposa divorciou-se dele, vetou-lhe a custódia dos filhos e, por fim, acusou-o de feiticeiro. Assim, num estilo profundo, o artista pranteia: “Ndikalume we/ Ndikalume amã ehe/ Ndikalume we ndacitwile vohali”. “Sou homenzinho (não sou macho) / Eu sou homenzinho, minha mãe/ Homenzinho sou por ter nascido no sofrimento”.

Outrossim, denuncia a injustiça social, cujo apanágio é exploração do homem pelo homem, em que a maioria trabalha árduo e tanto se esforça para sobreviver, mas, mesmo assim, a riqueza concentra-se nas mãos da minoria, a que detém o poder político e económico, tendo todos os privilégios, enquanto o povo sofre vivendo de migalhas. Ainda diz que não teve o privilégio de estudar enquanto os

seus contemporâneos se formaram tendo alcançado uma vida equilibrada. E, pelas suas competências, em antropologia africana, conhecedor do folclore do povo umbundu, recorre aos provérbios para passar a mensagem. Assim cantou: “Tulosanji vyolomeke ño/ Tupayela ava valya/ Akulũ tupopisi ndoco tukalila mwele oco/”: “Somos galinhas cegas/ Escarafunchamos comida para os outros/ Mais velhos falem por nós/ Se continuarmos a sofrer assim”.

Já a música “Ndatekateka”, a semelhança da anterior, representa os gritos de angústia e desespero de um ex-militar que perdeu a mobilidade durante a guerra e, em consequência disso, passa a vida a mendigar para sobreviver, como quem nunca tivesse defendido o país. Enquanto os governantes ostentam luxo, conduzindo viaturas top-de-gama, tendo acesso a viagens de primeira classe, com direitos à alimentação saudável, saúde, casas luxuosas, aquele que um dia lutou e perdeu a vida em combate consola-se, portanto, em pirangar.

Por tais impossibilidades, a vítima sentiu-se privada do direito de ser pai, na medida em que reconhece, diante de Deus e dos homens, não ser justo um sofredor gerar filho. Assim, verseja: “OKucita akome ndkusole/ Masi kacitava monda kusuku ekandu/ Ndaotala hale ohali/ Ukanene ukwene kilu lyeve/ ame ndikuka/Ciñokela okulila”. Tradução: “Eu também amo ser pai/ Contudo, não devo/ É pecado diante de Deus/ Porque se sofres, não deves trazer o outro ao mundo/ Portanto, isto dilacera-me, pois estou a envelhecer sem descendente.”

Por último, a música “Kolofeka” é uma reflexão antropológica e sociológica em que estabelece a diferença entre a realidade de Angola e a doutrinas nações. Ousado e inteligente, canta: “noutros países as crianças têm a honra de estar na escola a estudar, mas em “Angola do sofrimento” as crianças passam o dia na lixeira a recolher lixo, enquanto os pais colhem lenha e produzem carvão para vender (...)”. E termina dizendo que os mais velhos choram e até sentem saudade do regime colonial, porque o sofrimento é insuportável. Para não nos alongarmos no discurso, vejamos estes versos: “Kolofeka vialmalë omalã vatito/ Vasaayala kolosikola mãe/ Etu voNgola yongongo amã we/ Omalã keyala okunolã ovinene/ Papai Upange Okatyaña olõ/ Okyoka akala lokualandi-



sa/ Akulũ valivela kaputo eh/ ekandu nye olohali valowa...”. Aqui subjaz a ideia segundo a qual no governo colonial os angolanos tinham uma vida melhor em relação ao momento imediato ao cessar do conflito. Tal pensamento, embora depreciativo, é justificável, porquanto é comum (e sabemos disso) vermos crianças expostas a garimparem, na lixeira, resto de comida, vestuários, brinquedos e outros objectos que os seus pais não lhes podem comprar. Isto constitui um atentado à saúde das crianças e violação dos seus direitos.

Todavia, além da lamentação e do desabafo, também explora os versos de amor e entretenimento. Tal é o exemplo das músicas “Paulina”, “Okambela”, “Olonamba” só para citar algumas. Decerto, o músico, imbuído num espírito crítico, concebe uma música ecléctica, em que se cruzam vários ritmos e mensagens de diversas índoles.

Portanto, a música do artista que nos propusemos abordar é rica em diversos ângulos da arte e cultura. Ritmo próprio, voz única e letras de caris antropológico africano e, concomitan-

temente, de intervenção social muito forte. Analisadas sob o ponto de vista dos textos literários, as suas composições musicais cumprem com os pressupostos básicos da poesia: linguagem conotativa, expressividade, ritmo e melodia, o que o torna cantor-poeta. Handanga, mais do que músico e exímio intérprete, também foi (e ainda é) defensor dos direitos humanos.

Domingos de Jesus, natural do município da Matala, província da Huíla. Licenciado em Ciências da Educação.

Autor da obra académica, intitulada “Além do Diploma” publicada em 2019.

Poemas na Antologia Internacional “Versos Textos e Pré-Textos”, do projecto Raízes publicada no Brasil, em 2018.

Contos e poemas na Revista Portuguesa Antologia Logos da Fênix (2017; 2018).

Crónicas e artigos em Palavras & Artes (2018; 2019).

É Secretário para Área Científica do Movimento Cultural do Cunene. Palestrante.

E-mail:

jesusdomingosde@gmail.com.

Número Telefónico:

925-41-82-37

Fernando Lucano: o apanhador de objectos

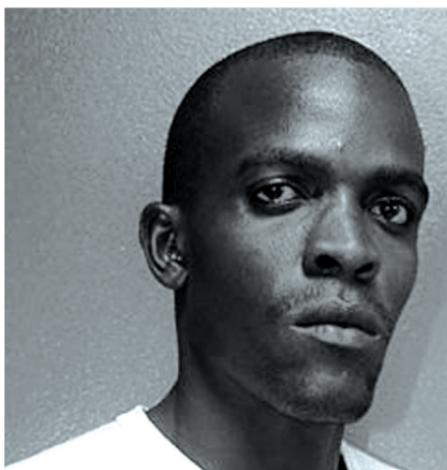
JOSÉ L. MENDONÇA

Assistente do artista plástico António Ole, desde 2012, Fernando Lucano implanta-se na geografia cultural angolana como um apanhador de chinelos de meter o dedo, latas de alumínio, pedaços de metais dispersos por tudo quanto é canto nesta cidade-musseke, os quais foram instalados e expostos no Camões-Centro Cultural Português, desde o dia 3 de Dezembro.

Com esses materiais reciclados, Lucano faz alguns deles parecer gente nova, personas (máscaras) desconventionais, lá estão os olhos, as bocas e a respiração da Arte, com nomes registados em cupões ao lado: Misturados, Ferro, Prata, Negro.

Quatro grandes telas do Musseke, tecidas com arame, objectos encontrados (chinelos de meter odedo), latas, plásticos, rolhas e o quadro que dá título à exposição (Diversidade Cultural), bem como outras peças Sem Título.

O trabalho de inspiração (sub)consciente empresta uma mais-valia artística a este conjunto de 15 ARTEfactos de pintura, acrílico sobre tela e costura sobre tela, ao lado de 3 instalações. Quem é de cá e observa os quadros expostos revê-se em cada um dos objectos. Revê o seu dia-a-dia, a luta pela sobrevivência, o pó carnal dos chinelos que nos caminham nesta cidade



em crescimento desordenado, uma cidade que espalha os seus sinais transmigatórios da alma a esvaír-se em míticas revoluções, como se o Negro tivesse acabado de existir.

A única tela é feita da matéria-prima dos tecidos de que a Vida se entrecruza, desde o azul inicial da Criação, a invenção do calendário num saco de plástico, o despotismo da cruz nazi e as marcas do Mundo, nas línguas que o dominam, ou o “made in”.

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

Trinta anos depois da queda do Muro de Berlim, a Alemanha mudou, tornou-se maior do que já era dividida, mas parece que a sociedade humana não mudou muito. Ainda paira no ar o espectro de outra Guerra Fria. Como explica este fenómeno mundial?

Concordo só parcialmente com as suposições da pergunta. Porquê?

1. A sociedade no território da antiga RDA mudou por completo: De uma sociedade real-socialista para uma sociedade capitalista de corte neo-liberal com alguns vestígios do estado de previdência.

2. De uma sociedade colectivista (em grande medida) para uma sociedade individualista.

3. De uma sociedade com grandes carências em termos de consumo para uma sociedade de abundância e de consumismo com elementos do hedonismo.

3 De uma sociedade com poucas possibilidades de viajar (só dentro do bloco soviético) para uma sociedade livre, incluindo livre de viajar, mas nem sempre com os meios financeiros para pagar as viagens.

Mas também, os cidadãos do Oeste da Alemanha, da antiga RFA, tinham que mudar alguns hábitos. P.ex. aceitar que a capital agora é de novo a Cidade de Berlim, em detrimento da modesta, mas querida Bona. Pagar um imposto especial para financiar os custos da reunificação, entre outros.

Nova Guerra Fria: A hegemonia incontestada dos EUA acabou. O EUA continuam sendo a potência mais forte do mundo, sem dúvida, mas não tão forte como logo após 1989/90. A posição dos EUA é contestada entre outros por parte de (novos) movimentos radicais (religiosos de corte musulmano sobretudo, mas também movimentos de carácter social (Occupy Wallstreet, Attac p.ex.) e ambientais (Fridays for Future, Extinction Rebellion, Greenpeace etc. etc.)). Além disso, outras potências questionam também (e/ou de novo) os EUA, tais como a China comunista e capitalista ao mesmo tempo, a Rússia do Sr. Putin, a Índia, os BRICS em conjunto. E com os EUA também a NATO é contestada e assim a Europa incluindo a Alemanha.

Mas eu não chamaria todo isto uma nova Guerra Fria. Para mim é uma consequência lógica de um mundo multipolar e da consequente "anarquia de Estados" desde que não temos um único estado mundial, que aliás nunca haverá – felizmente.

Um fenómeno curioso é que, enquanto a Alemanha se reuniu, a

30 anos da queda do muro de Berlim

Efeitos nas relações bilaterais entre a Alemanha e Angola

Jugoslávia se repartiu em vários países. Como se explica esta discrepância no Leste da Europa?

A Jugoslávia tinha fissuras, divisões, conflitos etno-linguísticas desde a sua criação em 1919. Depois da II Guerra Mundial, estas diferenciações foram tapadas (e em certa medida ultrapassadas) pelos comunistas de Tito e do seu regime, até à morte dele. Depois apareceram de novo as divisões etno-linguísticas e finalmente eclodiram numa guerra sangrenta. Resultado: a divisão de Jugoslavia em 7 mini-estados e uma constante instabilidade nos Balcãs.

Na Alemanha, as coisas eram diferentes: Para os alemães, a Alemanha existia há séculos, existia um povo, uma cultura alemã, todo isso concentrado no centro de Europa, mesmo com fronteiras não bem definidas e o povo alemão repartido por diferentes estados. Também durante a existência de dois estados opostos (RFA e RDA) desde 1949, fazendo parte de diferentes blocos políticos, havia um certo sentimento de que as populações naqueles dois estados formam uma única nação, contra toda a propaganda do regime da SED na RDA, que quis constituir uma própria nação alemã democrata.

O actual medo da Rússia é uma ficção do expansionismo unipolar americano ou é uma reminiscência psíquica europeia do Muro de Berlim?

Na Alemanha actual não há medo da Rússia. O que há é uma certa preocupação com um novo expansionismo

russo em direcção aos vizinhos imediatos (Ucrânia, Geórgia, Países Bálticos, Bielorrússia) bem como de a Alemanha ser alvo de uma Guerra Híbrida (mesmo de baixo nível).

Não vejo de momento um novo expansionismo americano, ao contrário (veja-se o caso da Síria, onde a Rússia é a potência preponderante).

“Reminiscência psíquica do Muro de Berlim”? Não vejo isso.

A Alemanha, há muito que deixou de ser um país exportador de guerras, para ser cada vez uma indústria mundial de ponta. Isto tem a ver com o nível médio de escolaridade e o percentual do orçamento do Estado para a educação na Alemanha de hoje?

A Alemanha, desde finais do século 1900, foi um exportador de produtos industriais e isto tem realmente a ver com o nível da escolaridade e da formação profissional da população. E isto tem que ser financiado, sobretudo pelo orçamento do Estado, o que é o caso na Alemanha há mais de 200 anos. Mas há outros “segredos” da posição alemã no ranking industrial internacional: a qualidade das universidades, a funcionalidade das instituições ao redor da indústria (p.ex. as Câmaras da Indústria e Comércio, o Sistema de Controlo da Qualidade etc.). Alemanha como “exportador de Guerra”. Discordo com o termo. A Alemanha nazi de Hitler foi o agressor da 2ª Guerra Mundial – sem dúvida – e a Alemanha do Imperador Guilherme II também acumulava forte culpa por causa da I Guerra Mundial, da Grande

Guerra de 1914-18. Mas ser agressor é outra coisa do que exportador.

Durante a Guerra Fria, Angola cooperava fortemente com a Alemanha do Leste (RDA). Como se trasladaram os laços de cooperação com Angola da antiga RDA para a nova RFA aumentada?

Infelizmente, os laços de cooperação entre a antiga RDA e Angola não se trasladaram a nova RFA. Hoje em dia, as ligações entre os dois Estados são bem diminutas, mas sem problemas de fundo. Talvez a próxima visita da Sra. Chanceler Angela Merkel trará novos impulsos para a cooperação entre os nossos dois países.

A distensão mundial causada pelo fim da Guerra Fria não trouxe o desenvolvimento a Angola. A que se deve este facto?

Responder a esta pergunta levaria a um livro de mil páginas sob o título “Angola – desenvolvimento tardio num contexto interno e externo difícil”. Na minha opinião cabe primordialmente aos próprios angolanos, que conhecem melhor que eu a história recente do seu país, responder a esta pergunta. Mas talvez um pequeno conselho: organizar um amplo debate nacional, sem hesitações e medo, sobre o passado, a actualidade e um desejável futuro do país.

O Doutor acredita que os países africanos, com fronteiras artificiais geradas pela Conferência de Berlim de 1885 teriam mais paz e estabilidade num regime federal, igual ao



da Alemanha? Porquê?

Regimes federais não trazem necessariamente paz e estabilidade. Um tal regime tem que ser aceite e vivido pelos políticos, pelos povos e tem que provar, que seja mais vantajoso, que uma outra forma de organizar o Estado. Não devemos esquecer, o federalismo alemão é o resultado da nossa história. Em 1871 uniram-se estados soberanos num só estado, o Deutsches Reich. A ideia de um estado centralizado neste momento estava fora da questão. Assim continuamos até hoje federalizados, sabendo também que durante a ditadura de Hitler, o estado alemão era extremamente centralizado. As nefastas consequências são conhecidas. Mas isto é a história de um estado particular. São os povos africanos que têm que debater e decidir sobre esta questão à luz de diferentes experiências em diferentes estados e continentes.

Como é que o Sr. vê a cooperação ideal entre a Alemanha e Angola, capaz de instilar no tecido económico do nosso país o progresso social, humano e tecnológico?

Mais um livro de mil páginas. Mas antes de tudo são os angolanos que tem que definir para si mesmo um caminho bem certo que querem andar.



Uma vez definido este caminho e os primeiros passos dados, talvez haja espaço para que Alemanha (melhor: diversos actores da Alemanha) possam cooperar e Angola e o seu povo possa aproveitar desta cooperação.

Se Angola e a África tiverem um dia o mesmo desenvolvimento industrial que a Europa tem, não haverá o risco de o mundo implodir, devido ao colapso dos mercados e à acumulação dos produtos da superprodução ocidental?

Vejo menos provável um colapso de mercados devido a uma superprodu-

ção causada pelo facto que produtos industriais africanos "invadirem" algum dia o mercado mundial. A superprodução chinesa tão pouco tem causada uma implosão do mercado mundial. Os mercados normalmente têm uma grande plasticidade, O que vejo como um problema, já agora, são as consequências ambientais do crescimento económico e do uso de recursos naturais/do ambiente em larguíssima escala, sobretudo na Europa, América do Norte e China mais alguns outros actores (Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Ásia do Suldeste, Brasil). Isto leva a que a humanidade anualmente

use os recursos naturais /o ambiente de 1,5 mundos, mas nós temos só 1 mundo. Num mundo finito não poderá haver crescimento infinito e o desafio é como organizar que aqueles que se encontram ainda num estado de subdesenvolvimento e pobreza para ascender a um nível de vida razoável, enquanto as sociedades e economias do mundo desenvolvido desaceleram o seu crescimento/uso de recursos e do ambiente, sem pôr em risco toda a estrutura económica mundial.

Ou seria mais vantajoso um acordo internacional sobre regiões industriais e de comércio mundial, com quotas de produção e tipos de produção mundial tal como existe hoje na União Europeia?

Uma velha ideia de John Maynard Keynes. Não seria mal. Mas onde ficam as forças necessárias para implementar um tal sistema económico mundial revolucionário, enquanto os zombies do neo-liberalismo ainda dominam as instituições em larga medida?

(As respostas do entrevistado são da opinião pessoal dele e não representam nem a opinião da Embaixada da Alemanha em Angola, nem a posição do Governo da Alemanha.)

TRIBUNE

Como explicar a influência da arte africana contemporânea no Ocidente? Na França, a criação do *Revue noire* em 1991 é uma das iniciativas pioneiras de divulgação de artistas do continente. Primeira revista dedicada, publicada em francês e inglês, foi distribuída em todo o mundo, alcançando assim um grande público. Esta publicação trimestral, publicada em parte por dois comissários pioneiros do Senegal e Camarões, tinha como missão principal colocar a África no cenário da arte contemporânea internacional.

Há muito tempo associado às artes tradicionais, o continente africano gradualmente começa a ser reconhecido por suas cenas contemporâneas. Essa iniciativa foi um dos gatilhos e, sem dúvida, foi um dos primeiros passos para a democratização e popularização da arte africana contemporânea na Europa.

Muitos eventos se seguiram, marcando fortemente o crescente interesse dos profissionais e do público em geral. Um deles, "Africa Remix", sob a direcção artística de Simon Njami, foi em 2005, na capital francesa, a primeira exposição a oferecer um panorama de oitenta e quatro artistas do continente africano e seus vários modos de expressões artísticas. Estes últimos foram homenageados no Centro Pompidou por quatro meses. Pintura, música, fotografia, desenho, escultura, montagem, vídeo, instalação e design foram destaque e atraíram milhares de visitantes.

SURGIMENTO DE UMA NOVA HISTÓRIA AFRICANA

Após o "Africa Remix", serão necessários dez anos para que outras grandes

A feira AKAA "quer ser um megafone para as vozes do continente africano"

Para Victoria Mann, fundadora da feira de arte contemporânea em Paris, o diálogo iniciado entre a África e o mundo é visível na arte.

instituições da França assumam a iluminação desses artistas: a Fundação Cartier, a Fundação Vuitton, o Centro Pompidou, o Jeu de Paume, a Casa Europeia de Fotografia ... esse ecossistema artístico está estruturado e começou a se reunir em feiras anuais ou bienais em Paris, Europa ou no continente.

Essas instituições e referências tornaram possível tornar estatutárias essas cenas contemporâneas, até então pouco conhecidas. O aumento no número de visitantes e compradores alimentou a curiosidade da mídia e o movimento cresceu. Num ambiente cultural internacional altamente competitivo e saturado, a soma de todas essas iniciativas individuais lançou um movimento, impulsionado pelo surgimento de uma nova narrativa africana.

A África fala de si mesma, chama a atenção do resto do mundo e ocupa o seu lugar no cenário internacional. Torna-se impossível esconder as vozes do continente africano dessa conversa e AKAA (Also Known As Africa - Também conhecido como África) quer se servir como um megafone. Os embaixadores escolhidos, os africanos e suas diásporas estão multiplicando iniciativas como a abertura do Museu

das Civilizações Negras (MCN) em Dakar ou a inauguração de Zeitz Mocaa na Cidade do Cabo, o maior museu da África. É importante ressaltar que, embora algumas pessoas o vejam como um fenómeno da moda, a arte africana contemporânea agora está ancorada no tempo, graças ao papel activo desempenhado pelos actores do continente na conversa com os do resto do mundo.

UM MERCADO COMPLETO

Inspirações e realizações emanam de Lagos, Abidjan ou Casablanca e encontram uma resposta nas capitais internacionais da arte, como Paris, Nova Iorque ou Veneza, com a Bienal. Esse diálogo iniciado entre a África e o mundo é visível na arte e gera a criação de uma economia real que produz, comercializa e cria valor.

Ainda é difícil quantificar esse mercado nascente, mas os poucos números publicados mostram que todos os que são avistados são verdes. De acordo com o último relatório da Artprice (2019), em vinte anos as vendas de arte africana da Sotheby's em Londres aumentaram dez vezes, para US \$ 3 milhões (€ 2,7 milhões). A soma combi-

nada de vendas de arte africana moderna e contemporânea em Paris e Londres aumentou quatro vezes, de US \$ 7,6 milhões entre 2014 e 2016 para US \$ 27,9 milhões entre 2017 e 2019, o que prova que essa demanda explode.

A arte africana contemporânea se tornou um mercado completo e está sendo promovida por artistas de renome internacional, como Yinka Shonibare, do Gana, o etíope Julie Mehretu e o congolês Chéri Samba, o artista mais procurado nas vendas de arte africana contemporânea, que por si só é responsável por metade das 10 principais vendas especializadas.

O mercado está se estabilizando e a arte africana contemporânea tem um futuro brilhante se conseguir combinar sustentabilidade e desenvolvimento. Para isso, é essencial destacar artistas e galerias de referência que tenham um peso considerável nessa economia. A arte africana contemporânea é uma conversa, uma economia compartilhada entre a África e o resto do mundo, na qual a África deve ter a última palavra.

Victoria Mann é a fundadora da única feira de arte contemporânea na África de Paris, também conhecida como AKAA.

GASPAR MICOLO

É indiscutível o importante papel que as bibliotecas desempenham na formação do indivíduo. Ao longo de várias civilizações, desde o Egipto às conhecidas civilizações marítimas como a grega e a romana, ficou patente a relação entre o progresso dessas sociedades humanas e a cultura de acumular e conservar saberes de diversas áreas. Hoje, podemos olhar para o acervo das nossas bibliotecas e percebemos a qualidade dos quadros formados no país.

Formamo-nos com poucos recursos. As nossas bibliotecas carecem de livros fundamentais de diversos cursos. Por exemplo, na entrevista que nos concedeu no Jornal de Angola, em Outubro último, o director da Biblioteca Nacional, João Pedro Lourenço, reconheceu que há "um défice muito grande" na aquisição de obras recentes publicadas no estrangeiro, sejam sobre Angola ou sobre alguma área fundamental do saber. Aliás, basta olhar para o catálogo, ainda manual, da instituição que gere a rede de bibliotecas públicas. E aqui é importante lembrar que, além da falta de uma simples aquisição de publicações periódicas e não periódicas, o país ainda se debate com a perigosa inexistência de traduções de obras lançadas até mesmo no continente africano. Reconhecemos o esforço da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto em traduzir já dezenas de obras de pensadores africanos e africanistas. Um trabalho louvável. Se ao menos metade das universidades se dedicasse a essa tarefa, teríamos de certeza trabalhos de referência mundial nas nossas bibliotecas.



François-Xavier Fauvelle foi eleito no meio de especialistas que discordam das suas posições

Formar-se numa ilha

O académico moçambicano Elísio Macamo, um dos mais destacados sociólogos africanos, lamentou, em entrevista ao Jornal de Angola, em Maio último, a fraca cooperação entre as universidades africanas. "Acho que a cooperação é fraca, infelizmente. Podíamos fazer muito mais. Não trocamos publicações, por exemplo. Há muitos colegas que gostariam que os seus estudantes tivessem acesso aos meus livros metodológicos, mas não existe nenhum convénio que torne possível a sua publicação em Angola. Eu tenho que trazer os livros na mala e vender ou oferecer os poucos exemplares que o excesso de bagagem permite... é uma pena", disse o investigador que esteve em Angola a convite do Centro de Estudos Jurídicos, Económicos e Sociais (CEJES) da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto.

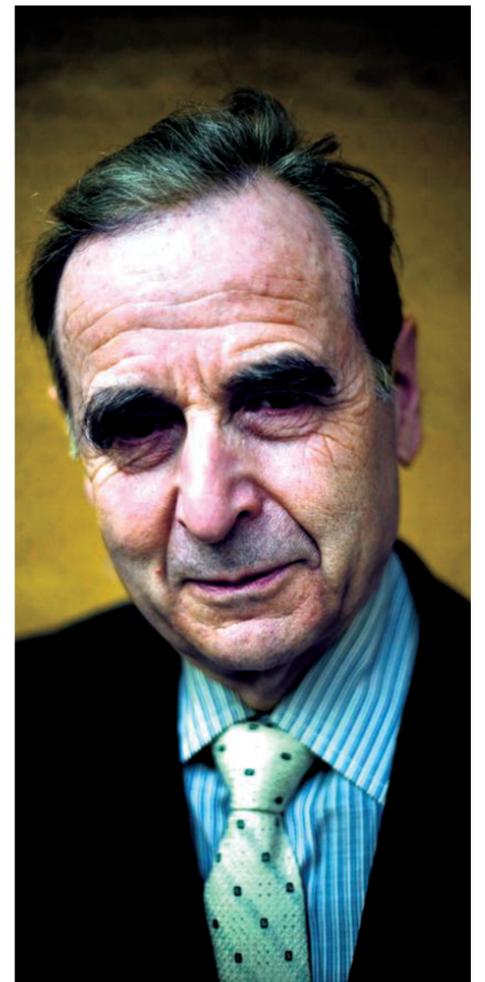
O historiador francês René Pélissier, considerado um dos investigadores mais densos da História colonial portuguesa e da dos países de expressão portuguesa, já chamava a atenção, em 1980, numa entrevista à antiga revista "África", para o problema acima descrito: "(...) É absolutamente indispensável que os lusófonos de África conheçam o que sobre eles próprios se publica no domínio das ciências humanas, caso contrário condenam-se a não fazer quaisquer progressos". Ora, é esse progresso que, afinal, quase quarenta anos depois da entrevista,

ainda não fazemos nas nossas academias, na nossa economia e, até mesmo, na nossa consciência histórica. Se não sabemos o que sobre nós se investiga, e nem sobre os outros, não progredimos. Não competimos. Não nos actualizamos. Ou seja, não participamos "validamente" na construção de um saber universal.

O prestigiado Collège de France, escola criada em Paris, no Quartier Latin, em 1530, de orientação humanista, para competir com a Sorbonne, (criada no século XIII), fez recentemente uma revelação interessante! Cinco séculos depois da sua criação, a instituição dedica agora uma cadeira permanente à História da África Antiga, uma área que conta com poucas dezenas de renomados especialistas ao nível do Mundo.

Collège de France, cujo lema é "docet omnia", isto, "ensinar tudo", pretende assim fazer justiça a isso, contando com os seus professores considerados brilhantes em muitas especialidades. Um deles é exactamente o historiador e arqueólogo François-Xavier Fauvelle, titular da cadeira agora criada, que ostenta no currículo mais de 150 textos científicos e uma vintena de obras, muitas das quais sobre a História da Idade Média Africana.

Investigador que viveu vários anos em diversas cidades africanas, François-Xavier Fauvelle lamentou, à propósito do desafio, à revista francesa Le



René Pélissier

Nouvel Observateur (L'OBS), o ainda persistente "mito da não historicidade" das sociedades africanas "que se exprime até nos manuais escolares, bastante limitados a era colonial, como se nada tivesse passado antes de África se reduzir a um espaço passivo, que se deixou descobrir, colonizar, depois descolonizar".

François-Xavier Fauvelle lembra que, os enviados das potências europeias, nomeadamente, administradores, militares, polícias, sacerdotes, elaboraram um conhecimento adquirido no terreno, e igualmente construído em relatórios de dominação e confisco. "Actualmente, os objectos de conhecimento de África estão na maior parte das instituições do Norte. A conquista colonial foi também uma conquista do passado".

O historiador recorda, em entrevista, a diversidade do continente africano, indicando as mais de 2.400 línguas, as diferentes religiões, organizações políticas, etc. "Por que as sociedades africanas engendraram uma tal diversidade, enquanto os seus vizinhos europeus não paravam de se homogeneizar? Isto permite questionar a História da Europa a partir de África", avança François-Xavier Fauvelle.

O que tudo isso sobre o Collège de France tem que ver com as nossas bibliotecas? É que os estudantes da nova cadeira terão acesso a livros e a artigos que os seus homólogos de África, e em particular de Angola, não têm. E se "os objectos de conhecimento de África estão na maior parte das instituições do Norte" e "a conquista colonial foi também uma conquista do passado", então não conhecemos se não resgatamos os referidos objectos e nem sequer sabemos o que sobre eles se escreve. Ao menos deveríamos saber para confrontar com a agora valorizada rica tradição oral.



Luís Damião vai participar na 12^a edição da Bienal Africana de Fotografia, em Bamako numa ilha

Bienal Africana de Fotografia, “RENCONTRES DE BAMAKO”, que decorre de 30 de Novembro de 2019 a 31 de Janeiro de 2020, a decorrer na cidade de Bamako, Mali.

Com o tema “STREAMS OF CONSCIOUSNESS” e direcção artística do camaronês

Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, a bienal vai dedicar uma retrospectiva em homenagem e celebração do 25.º aniversário do festival. “STREAMS OF CONSCIOUSNESS” refere-se a uma letra do músico Abdullah Ibrahim, como uma conversa alma-a-alma, com ênfase na noção de diálogo entre o continente e as suas diásporas, incluindo as pontes que compõem e animam o universo africano. África há muito que deixou de ser um conceito geográfico limitado ao seu espaço geográfico. Como um conceito global, a África está preocupada com pessoas de

ascendência africana espalhadas por todo o mundo (Ásia, Oceâ-

nia, Europa, América) e no continente africano. Através da dinâmica da fotografia é uma questão de dar origem a correntes de consciência que nascem de e para além das costas do continente Africano.

Encontros de Bamako é um dos eventos mais importantes do continente dedicado à criação contemporânea e uma notável plataforma de visibilidade para os fotógrafos e videastas da África e sua diáspora que participam da celebração da fotografia contemporânea com profissionais e o público em geral.

Representado pela galeria de arte contemporânea angolana THIS IS NOT A WHITE CUBE, Luís Damião vai participar na Bienal Africana de Fotografia numa parceria com a Associação Franco-Angolana Alliance Française de Luanda e a Embaixada da França em Angola, e com apoio de TOTAL, EP Angola e DIMASSABA.



Luís Damião

Biografia do artista

Luís Damião nasceu em Luanda, em 1978, numa família com fortes raízes artísticas. Filho do fotógrafo e fotoperformista angolano Paulino Damião (Kota 50), e irmão do artista plástico Lino Damião, Luís Damião não diferiu na paixão pelas câmaras fotográficas, pincéis, espátulas, tintas e telas.

Envolveu-se desde cedo com o mundo da arte e da cultura como auto-didacta, dando os primeiros passos no universo da fotografia pelo impulso do pai e inspirado pelo irmão, altura que já frequentava o atelier do consagrado e falecido artista plástico Victor Teixeira (Viteix).

Em 2002 apresenta-se publicamente pela primeira vez através do projecto artístico colectivo denominado “Art & Moda”, realizado no Espaço Cultural Elinga: uma exposição de jovens artistas de reconhecido talento nas modalidades de pintura, escultura e moda.

Em 2012, realizou a sua primeira exposição individual de fotografia intitulada “Mulheres do dia-a-dia” na Galeria De Maio na UNAP. Nesse mesmo ano, publicou fotografias da sua autoria no livro de estudo e defesa da arquitectura, lançado para o Prémio Fernando Távora 2012, instituído pela Secção Regional do Norte da Ordem dos Arquitectos, em Portugal.

O ano 2013 foi um dos mais interventivos na carreira do artista: participou na exposição do colectivo de jovens artistas da oficina Kapela e no projecto “Cores do Verão”, ambos apresentados no Espaço Cultural Elinga.

Em 2014, Don Ruela e a Oficina Kapela lançam o projeto Ex-Por-Arte no Espaço Cultural Elinga, no qual Luís Damião participa com fotografias.

O seu mais recente projecto centra-se na prática artística da fotografia e no desenvolvimento de novos suportes, de novos meios de produção técnica e de apresentação desenvolvidos em atelier.



A coita do mano Dadão



FRANCISCO NETO

Um sonoro coral de vozes descompassadas levou-me a despertar com assombro. Os amigos chamavam-me para jogar à bola. Era o primeiro sábado das nossas “férias grandes”, que, naquele tempo, aconteciam no Cacimbo e era também o dia de início do campeonato de futebol organizado pelo Lima, que era o mais dinâmico jovem da nossa zona. Assim que notara a clareza, pelas frestas das paredes de madeira da nossa humilde casa, de imediato deixara de ser mandrião pós-sono.

Depois de rápido asseio, achei-me na rua, onde o jogo estava prestes a iniciar. As duas equipas já estavam no campo. Assim que o nosso mister, o Man Sabas, me viu, bateu repetidas vezes com a palma da mão direita no pulso da sua mão esquerda. Com aquele gesto censurava-me pelo atraso. Sem justificações, juntei-me ao grupo de jogadores suplentes.

O Lima, nas vestes de árbitro, determinou o início do jogo. Decorridos cerca de dez minutos, uma nédia porca forçou a primeira paragem. Levei as duas mãos à cabeça: reconhecia-a de imediato. Era a Zá, a nossa porca. Pedi que os amigos me ajudassem a fazê-la voltar a casa.

A Zá era uma porca muito forte. Estava em nossa casa há mais de sete anos e nunca procriara por falta de parceiro. Nessa manhã de sol tépido, a garotada mostrava-se impotente para a fazer

voltar a casa, de onde nem sabia como saíra, porque andava sempre acuada no seu curral. No afã de ver o jogo a retomar, todos os jogadores juntaram-se à empreitada.

Quando esta começou a mostrar-se frutuosa, surgiu um camião que se transformou num óbice para a Zá, forçando-a a desviar os seus adiposos quatro pés do caminho que a levaria à nossa casa. Parado o camião, três homens saltaram da carroçaria. Um deles trazia uma enorme rede nas mãos.

– Eh!!! Estes tios são da Câmara, vão levar a porca!! – Vozeou o Lima.

Apavorei-me. À laia de velocista profissional, saí com grande corrida nos pés para chamar a minha mãe. Em casa, encontrei-a dentro do curral da Zá. Fazia limpeza. Assim que ela ouviu falar de Zá e de tios da Câmara, fez-se pávida.

Na rua, encontrámos os tios da Câmara a lutarem para meter a Zá no camião. A mãe chegou impetrante, mas os tios pareciam que não a ouviam. Continuaram a pugnar contra a Zá, que os obrigava a suar. A nossa gorda porca soltava agonizantes berros. Algumas vizinhas juntaram-se à minha mãe. Mais pedidos suplicantes aos tios da Câmara. Contudo, mostrando-se frígidos aos requestes do mulhério, um quarto homem juntou-se ao séquito. Era o motorista. Desse jeito, à Zá não restara outra opção: fora derrotada e aumentara o número de porcos na carroçaria, que passara a ser cinco.

Com grande arrelia maculada no rosto, minha mãe, ladeada de duas vizinhas, tornou ínvio o caminho do motorista. Apesar de estar assaz furibunda, era visível que ela mantinha um certo respeito por aqueles homens.

– Minha senhora, saia do caminho, por favor. Se não tens condições não podes criar porcos. Aqui é na cidade, não pode ter porcos a andar de cima a baixo e a borrar as ruas com cocó como se estivéssemos num quimbo.

– Senhor, não vês como estou suja?! Estou a limpar o curral e a porca saiu

porque o miúdo deixou o portão aberto por descuido. Faz favor, meu marido vai me matar!

O motorista não respondeu. Abriu as mãos em jeito de pedido de licença. A mãe deixou-o passar. Antes de o camião arrancar, as vizinhas começaram a soltar apupos. Acusavam os homens de gatunos. Diziam que eles estavam a fazer yulas com os porcos dos pobres e indefesos cidadãos, porque a Câmara não trabalhava nos sábados. A minha mãe ficara tácita. Num repente, um ingente luto tornara-se o governo do seu rosto. Eu também a imitara. Na minha mente, giravam as palavras dela: “estou a limpar o curral e a porca saiu porque o miúdo deixou o portão aberto por descuido”.

Fui para casa com a mãe. O jogo daquela sabática fria manhã deixara de ter importância para mim. Engravidei-me de medo, porque sabia que o meu pai tinha planos de matar a Zá na Quadra Festiva, inclusive já havia prometido a alguns parentes que lhes enviaria carne de porco no Natal.

À tardinha, quando ouvi a voz do meu pai, corri e anichei-me debaixo da cama. Meu medo agigantou-se, deixando o meu corpo com grandes tremuras. Parecia que já sentia as mangueiradas que decerto apanharia nesse dia. Minha mãe seguiu o meu pai ao quarto e anunciou-lhe a desgraça. Para gáudio meu, ela assumira todas as culpas. Dissera que a porca saíra quando fora deitar os seus esterco na rua.

Horas depois, já livre do medo que me deixara a vibrar como um telemóvel, que não existia naquele tempo, fiquei azabumbado quando vi o pai a chatear-se como um touro que tinha um toureiro com um pano vermelho à frente de si porque a mãe dissera que os homens da Câmara que levaram a Zá eram gatunos.

– Gatunos uma ova!! Merecias mazé apanhar umas boas lambiscadas para aprenderes a cuidar dos animais e a respeitar os homens que trabalham em nome do Estado. Se um dia voltas a fa-

lar isso, verás o que te faço!...

Nessa noite, o pai ficou tão abespinhado que nem sequer jantou. A mãe já não ficou triste. Mas eu fiquei com pena dela, a minha boa mãe que me livrara de apanhar uma boa sova do nosso rigoroso pai.

Meses depois, o pai transformou o curral da Zá num galinheiro e comprou duas galinhas da “vicuca”. As galinhas eram fortes, pareciam a Zá em miniatura. Passados dois dias, o pai pulou como um imberbe que ganhou um belo carrinho como presente de aniversário ao descobrir que uma das galinhas ovava duas vezes nesse dia. Era uma poedeira.

O pai passou a ter um largo sorriso no rosto por culpa da sua galinha que ovava duas vezes por dia. Ufanava-se por ter conseguido uma grande compra. Muitos dias eram passados, quando, numa certa manhã de sol impiedoso, o pai nos acordou com grande pavor na voz. Ao sairmos, vimos a poedeira em cima do tecto do nosso vizinho.

– Dadão, Mateus e Kito, vão a correr agarrar a galinha!! – Ordenou-nos.

Metemos o pavor do pai nos nossos pés. Quando chegámos ao quintal do vizinho, já a poedeira tinha saltado para outro tecto. Seguimos a galinha, que pulava de tecto em tecto, até que fomos parar fora do nosso bairro, que ainda se chamava oficialmente Popular. A poedeira foi parar na Calemba.

Cansados, mais pelo sol que nos açotava com os seus fortes raios, eu e o mano Mateus desistimos. O mano Dadão, que talvez temesse que o fracasso resultasse em surra para si, continuou a acostrar a poedeira, que não mostrava sinais de cansaço. Chegados a casa, encontrámos o pai com um potente arrufo estampado no rosto. O sorriso largo dos últimos tempos sumira.

– Pai, estamos a sair da Calemba. A galinha está a voar bué, mas o mano Dadão continuou atrás dela. Nós estamos muito cansados. – O mano Mateus avisou.

A mãe consolou o pai dizendo que o Dadão iria conseguir agarrá-la, fruto da experiência que tinha conseguido no tempo em que andara no quimbo, em casa do nosso avoengo materno, e se dedicava à caça. O pai meneou a cabeça descrente. Estava sem esperanças. De seguida, a mãe contou-nos que a poedeira escapara porque o pai limpava o galinheiro.

O mano Dadão apareceu pelo portão. Estava suado e ofegante. Na sua mão di-

reita, estava a poedeira. Vendo-o, o pai fez nascer fulgor nos olhos. Porém, fora efémero porque, abeirado do local onde estávamos, o mano Dadão lançou a poedeira ao centro. Estava morta.

– A galinha morreu de tanto correr, pai. Morreu de cansaço. – Disse.

Silêncio total. Todos sentimos pena do nosso pai. Instantes depois, a mãe, com outras palavras, disse que não podíamos continuar a chorar pelo leite derramado. Nestas palavras dela, pude

ainda copiar a seguinte mensagem: “pe-lo menos a galinha poderemos comer, não é como a Zá que foi levada pelos gatunos”. Levantou-se. Foi à cozinha preparar uma panela com água para cozinhar a poedeira. Nós ficámos a consolar o pai com um tumular silêncio, que se quebrou com a abertura do portão.

– Oh! A galinha morreu mesmo?!... Mas também era impossível resistir àquela toda surra que o Dadão lhe estava a dar. – O nosso vizinho Chico surdiu prosador.

De súbito, o pai, nervoso como uma pacaça ferida, saltou para cima do mano Dadão, que não teve um fado igual ao que tive com a Zá. Quando a mãe e o vizinho Chico acudiram, o mano Dadão já tinha apanhado umas boas chapadas e uns bons pontapés. À noite, sentados à mesa, a ordem do nosso pai foi inexorável:

– O Dadão não vai jantar. Não pode comer a galinha que matou sem autorização!

Ngandala kutambula wanga



MÁRIO PEREIRA

1. - Ngolo mimenekena. Enu mawazekele kyambote? - Etu twazekele. Eye we?

Eme ngazekele kyambote, jipange jami. 2. - Eme dijina dyami Mangololoma Ngongo, ngimona ya Ngunya ya Ngongo ni Donana dya Maniku; angivwalela mwazanga mu Lwanda benyaba, butandu dya kalunga ka menya. 3. - Inyi iwandala eye? 4. - Ngeza kumitangela kuma ngabwila izuwa yoso kukala ni nzala ni dinyota tunde kya ngivwalela. 5. - Se mwala mu ngongo ndumba dya atu adya, anwa; atu alembwa kukala ni nzala ni dinyota, eme we ngafwama kukala kyenyeke kala Nzambi watuxindi mu ngongo mu twala. 6. - Senu mwangimono ngabele kya kala minya; ngakukuta kya kala mukwa nzala unyungana mu izuwa yoso ni utene kudisanza; ni utene we hanji kutunda mu wadyama mu ngala

eme. 7. - Mukonda dya kyenyeke pe, mwolongimona kuma ngalembwa kufikisa kwimana ngo kofele omukutu. 8. - Onzala iyi ya dikota yene yondongyambata mwalunga! 9. - Eye pe, manu, tutangele hanji inyi iwandala eye, ni tutene kukufikidila; ni tutene kukulembwesa kubela kyenyeke kala minya ya mbiji ya salakalu aidile mu kifwa kya menya ndungu mu kizuwa kya sabalu mu ngoloxi. 10. - Jipange jami, eme ngasakidila okuswina kwenu kwoso kwa kungikumbulula inyi ingamesena, ni mutene kungilembwesa kukala mu wadyama wenyu uzumbuka mwenyu wa mutu anga mwene kandale hanji kukala mu kilunga kya kufwa, kala eme mwene ngala benyaba ku polo yenu. 11. - Ngamiximana jipange jami... 12. - Eye wolodibota kyavulu, manu. 13. - Twandala utwambela ngo inyi iwandala eye, ni tukufikidile. 14. - Eye ututanga ngo inyi iwamesa nitutene kwijiya seye wafwama hanji kukala ni mwenyu anga kana. 15. - Seye wafwama kukala hanji ni mwenyu, tubinga kwa Nzambi o ufikidilu iwamesena; seye ki wafwama kukala ni mwenyu Tubinga kindala kwa kadya pemba ukwambate kya ki ukale dingi ni kufwa ku mbanji ye. Dibote kya. 16. - Eme ngandala kutambula wanga! 17. - O wanga una wabeta mukukola ni ngitene kulunga kufwa kwangizukama. 18. -



Iyi, yene yoso ingandala mungibana. Kuwabu. 19. - Yene ngo iwandala, manu? 20. - Iyi, manu, kyadifangana ni ubingilu wa wadyama. 21. - Yene mwenye ngo iwandala, eye u pangyetu? 22. - Iyi, yene yoso mwene ingandala. 23. - Usonoka kamukanda, manu, ni ubinge yoso i wandala eye. 24. - Wasoneka mukanda, mwenyomo anga ubinga: 25. - Ngandala kutambula wanga ni ngitene: 26. - Kulengesa nzala. 27. - Ku-

kala ni kitadi kyavulu. 28. - Kulengesa jinguma. 29. - Kujimisa kufwa. 30. - Kuvudisa menya. 31. - Kulembwesa kudila mu tambi. 32. - Kulembwesa mutu kuya mwalunga mu uxikelelu wa usuku. 33. - Kujimisa uzembu. 34. - Kukupudisa ukamba. 35. - Kulembwesa atu kudizwila. 36. - Kulengesa akwadimi. 37. - Kuvudisa mufete ni muzonge mwazanga mu Lwanda benyaba. 38. - Iyi, yene yoso ingandala eme!

Quero receber feitiço

1. - Estou a cumprimentar-vos. Dormiram bem? - Dormimos bem. E você? - Dormi bem, meus irmãos. 2. - Chamo-me Lamentos do Mundo, filho de Inimigo do Inimigo e de Donana Maniku, nasci aqui, na ilha de Luanda, em pleno mar. 3. - O que pretendes? 4. - Vim dar-vos a conhecer que estou cansado da fome e da sede desde que nasci. 5. - Se há muita gente no mundo que come, que bebe; gente que não conhece a fome e a sede, eu também mereço estar como Deus definiu para nós neste universo em que nos encontramos. 6. - Se olharem para mim,

verão que estou magro como uma espinha; estou seco como um faminto que anda de um lado para o outro, todos os dias, para que me possa curar desta situação; para que possa sair dessa penúria em que me encontro. 7. - Por isso é que estais a ver que nem consigo experimentar apumar o corpo. 8. - É essa fome extrema que me há-de levar para a eternidade. 9. - Mas, ó mano, diga lá o que pretende, para que possamos ajudar-te; para que possamos impedir-te de emagrecer dessa maneira, como a espinha dum peixe salgado comido em forma de menya ndungu de sábado à tarde. 10. - Meus irmãos, agradeço a vossa coragem por me terem abordado sobre o que pretendo, a fim de me impedirdes de estar nesta desgraça que fina a vida de uma pessoa, mesmo que ainda não queira estar na fila da morte, como

eu mesmo que me encontro aqui à vossa frente. 11. - Estou-vos muito agradecido, meus irmãos. 12. - Estás a falar demais, mano. 13. - Queremos apenas que nos digas o que pretendes, para que te possamos ajudar. 14. - Conte-nos apenas o que pretendes, para sabermos se ainda mereces estar vivo ou não. 15. - Se ainda mereces estar vivo, pedimos ao divino a ajuda que mereces; se já não mereces estar com vida pedimos agora ao demónio que te leve, para que te livres de ter a morte, permanentemente, a teu lado. Desembucha, pá. 16. - Eu quero receber feitiço! 17. - Feitiço do mais rijo, para que possa vencer a morte que me acerca. 18. - Isso é tudo o que quero que me ofereçam. Pronto. 19. - É só isso o que pretendes, ó mano? 20. - Isso parece-se, ó meu ma-

no, com o pedido de um desgraçado! 21. - É só isso mesmo o que pretendes, ó irmão nosso? 22. - Isso é tudo o que pretendo, meus irmãos. 23. - Escreve uma cartinha, mano, e, nela, pede o que quiseres. 24. - Escreveu a carta em que pedia: 25. - Quero receber feitiço para que possa: 26. - Afugentar a fome. 27. - Ter muito dinheiro. 28. - Afugentar inimigos. 29. - Extinguir a morte. 30. - Fazer com que haja muita água. 31. - Impedir que se chore no óbito. 32. - Impedir que uma pessoa siga para a eternidade na escuridão da noite. 33. - Extinguir o ódio. 34. - Fazer crescer a amizade. 35. - Impedir que as pessoas se enfarquem. 36. - Afugentar os linguarudos. 37. - Fazer crescer o volume do mufete e o caldo, aqui na ilha de Luanda. 38. - É tudo o que desejo!

